

Estudantes e a percepção sobre as funções do Ensino Médio

Students and the perception about the High School's functions

Estudiantes y la percepción sobre las funciones de la Enseñanza Media

Recebido: 01/06/2021 | Revisado: 08/06/2021 | Aceito: 16/06/2021 | Publicado: 29/06/2021

Emilia Suitberta de Oliveira Trigueiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7649-7688>

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Brasil

E-mail: emiliatrigueiro@hotmail.com

Maria Isabel da Silva Leme

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0844-3554>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: belleme@usp.br

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou caracterizar a percepção de estudantes sobre a importância de a escola os preparar para os objetivos do ensino médio preconizados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A pesquisa contou com 534 estudantes das cidades de Juazeiro do Norte (CE), Fortaleza (CE) e São Paulo (SP), oriundos do 3º ano do ensino médio de escolas públicas, privadas e profissionalizantes e de cursinhos públicos e privados. Os resultados mostraram que 97,9% deles considera importante que a escola possa prepará-los para prosseguir nos estudos, e quando questionados sobre como a escola os preparou para estes aspectos, o ponto que os alunos se sentiram menos preparados foi para o trabalho (75,4%). Os resultados ressaltaram a importância de compreender a percepção dos jovens sobre este tema, visto que segundo eles a escola não tem conseguido cumprir todos os seus objetivos.

Palavras-chave: Ensino médio; Cursinho pré-vestibular; Funções do ensino médio.

Abstract

This paper presents the results of a research that aimed to characterize the perception of students about the importance of the school training them for the high school objectives recommended by the Law of Education's Guidelines and Bases (LDB). The research included 534 students from the cities of Juazeiro do Norte (CE), Fortaleza (CE) and São Paulo (SP), from the 3rd year of high school in public, private and vocational schools and public and private pre-university preparatory courses. The results showed that 97.9% of them considered it important that the school could prepare them to continue their studies, and when questioned about how the school prepared them for these features, the work was the point that the students felt less prepared for (75.4%). The results highlighted the importance of understanding the perception of youth about this subject, since according to them the school has not been able to fulfill its objectives.

Keywords: High school; Pre-university preparatory course; High school functions.

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación que tuvo como objetivo caracterizar la percepción de estudiantes sobre la importancia de que la escuela les prepare para los objetivos de la enseñanza media, preconizados por la Ley de Directrices y Bases de la Educación (LDB). El estudio contó con 534 estudiantes de las ciudades de Juazeiro do Norte (ubicado en la provincia de Ceará - CE), Fortaleza (CE) y São Paulo (SP), oriundos del 3er año de la enseñanza media de escuelas públicas, privadas y profesionales, además de cursos públicos y privados preparatorios para exámenes de ingreso a las universidades. Los resultados mostraron que el 97,9% de ellos consideran importante que la escuela pueda prepararlos para que prosigan en los estudios, y, cuando preguntados sobre cómo la escuela les preparó para eso, el trabajo fue el aspecto en el que los alumnos se sintieron menos preparados (el 75,4% de ellos). Los resultados subrayaron la importancia de comprender la percepción de los jóvenes sobre ese tema, ya que, según ellos mismos, la escuela no ha conseguido cumplir todos sus objetivos.

Palabras clave: Enseñanza media; Curso preparatorio para exámenes de ingreso; Funciones de la enseñanza media.

1. Introdução

A escola, em todas as modalidades de ensino, tem a função de socializar os indivíduos, imprimindo cultura e valores morais, além de transmitir os conhecimentos científicos acumulados pela humanidade e preparar as pessoas para trabalhar e

contribuir com o desenvolvimento da sociedade. Devido a esta grande importância todos os brasileiros entre 4 e 17 anos de idade devem estar matriculados na escola, seja na educação básica, no ensino fundamental ou no ensino médio. O ensino médio, particularmente, com três anos de duração, tem a função de fechar um ciclo de conhecimento e de formação, sendo a última etapa da educação básica.

Para se entender sua realidade, deve-se observar o fato de que segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, por exemplo, apenas 87,2% dos adolescentes de 15 a 17 anos estavam na escola. Separando por região as taxas de frequência são as seguintes: 85,8% no Sul, 86,1% no Nordeste, 86,6% no Norte, 87% no Centro-Oeste e 88,7% no Sudeste, maior percentagem entre as Grandes Regiões. Para este grupo etário de 15 a 17 anos, o ideal seria estar frequentando o ensino médio, porém, apenas 68,4% estavam na idade/série adequada, percentual que não apresentou diferença em relação a 2016 (68,0%). Entre as mulheres dessa faixa etária, a taxa ajustada de frequência escolar líquida ao ensino médio foi 73,5%, maior do que a observada entre os homens (63,5%). Entre as pessoas brancas, essa taxa foi 76,4%, enquanto para as pessoas pretas ou pardas, 63,5%.

Durante muito tempo, cursar esse segmento no Brasil foi privilégio de poucos. A garantia do ensino médio para toda população só ocorreu em 2009 com a Emenda Constitucional nº 59/2009, que estendeu a obrigatoriedade e a gratuidade da educação básica à população na faixa etária dos 4 aos 17 anos, e assegurou sua oferta para os que a ela não tiveram acesso na idade própria. Essa obrigatoriedade parte do princípio de que 12 anos de estudo completo é o mínimo necessário para a formação do cidadão, para que ele possa viver com dignidade, e contribuir para o desenvolvimento e o bem-estar dos todos os brasileiros.

Assim como as outras etapas da escolarização, o ensino médio é regido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e está estruturado para cumprir as seguintes finalidades (Art. 35):

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Partindo desses princípios definidos pela LDB, o Ministério da Educação, elaborou um perfil para o currículo, que deve ser orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Resolução nº2/2012). O currículo deve ser apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta, e ainda deve buscar dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; deve evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e deve incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender. Essas propostas se pautam nas constatações das mudanças no conhecimento e seus desdobramentos, no que se refere à produção e às relações sociais de modo geral.

No ano de 2019 foi implantada uma medida provisória que propõe uma reformulação no ensino médio (LEI Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017). Segundo o documento, o novo currículo deverá ser norteado pela Base Nacional Comum Curricular, obrigatória e comum a todas as escolas. Para toda a rede, a carga horária aumentará, gradativamente, das atuais 800 horas anuais para 1.400 horas. A composição de 60% da grade curricular será de disciplinas obrigatórias e 40% de optativas, onde o aluno escolherá um dos itinerários formativos nas áreas de conhecimento ou de atuação profissional: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional. A proposta prevê que língua portuguesa e matemática serão disciplinas

obrigatórias nos três anos de ensino, independente da área de aprofundamento que o estudante venha a escolher. A reforma propõe ainda uma Política de Fomento de Escolas em Tempo Integral, que deverá ocorrer de forma gradual.

Atualmente, quatro formas configuram o oferecimento do ensino médio no país: a Regular ou Propedêutica, a Normal/Magistério, a Integrada à Educação Profissional e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo Moraes e colaboradores (2013), as matrículas nessa modalidade de ensino estão assim distribuídas: os melhores posicionados na hierarquia socioeconômica estão na escola privada regular, cujo fim é aprovar seus alunos nos cursos mais bem reconhecidos das universidades públicas. Outro grupo, muito pequeno, está no ensino integrado na rede federal de Ensino Profissional e Tecnológico, voltado ao prosseguimento de estudos e à atuação em atividades complexas de nível médio. Um terceiro grupo, também pequeno, está no Ensino Médio Integrado estadual, em condições de funcionamento inferiores à da rede federal. O quarto grupo, grande maioria de jovens e de adultos pobres, está nas redes estaduais no Ensino Médio Propedêutico (regular ou na modalidade EJA), que nem reproduz o academicismo da escola privada, nem proporciona profissionalização. O quinto grupo (ou não grupo) é composto por milhões de jovens e de adultos pobres não matriculados em rede alguma, ou que tiveram que abandonar os estudos. Essas diferentes escolas resultam em distintas concepções e práticas de formação humana, exacerbando a desigualdade no atendimento ao que seria um direito igualitário de todos.

Ao longo de sua história, o ensino médio oscilou entre finalidades, ora voltada para a formação acadêmica, destinada a preparar para o ingresso no ensino superior, ora voltada para uma formação de caráter técnico, com vistas a preparar para o trabalho. Essa polaridade influenciou a organização pedagógico-curricular do ensino médio no decorrer do tempo, de modo a “oscilar entre um currículo ‘enciclopédico’, centrado no acúmulo de informações e no aprendizado mecânico, ou em um currículo ‘pragmático’, centrado no treinamento para uma atividade laboral” (Simões & Silva, 2013, p. 7).

A entrada no ensino superior se dá por meio de uma avaliação, que pode ser o vestibular – exame realizado, em geral, pela própria instituição –, ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), realizado pelo Ministério da Educação. As escolas de ensino médio têm dado tanta importância a esses exames que eles têm determinado a organização do ensino, o que está levando a uma aprendizagem dissociada da real necessidade dos estudantes, enfatizando o ensino através de “macetes” e dicas para melhor responder às questões do vestibular. Isso está levando também a um ensino médio desvinculado do ensino fundamental e do ensino superior, sem auxiliar a preparação para a vida social, profissional e/ou universitária, mas apenas se preocupando com a preparação do jovem para o exame.

Por outro lado, o futuro desses jovens também está associado a fatores econômicos e sociais. A pesquisa feita por Oliveira, Pinto e Souza (2003), analisando a perspectiva de futuro de adolescentes de diferentes classes sociais, mostrou que para aqueles que faziam parte do grupo mais privilegiado economicamente, o ensino superior seria uma extensão natural do ensino médio, o que traria como consequência o prolongamento da adolescência, o prolongamento da trajetória escolar e o adiamento da inserção no mundo do trabalho. Para estes jovens, o trabalho não é uma questão de urgência, mas algo em que se busca realização pessoal e financeira. Por outro lado, os jovens de renda mais baixa se mostraram indefinidos quanto à escolha de uma profissão, pois para eles a qualificação profissional foi vista como um meio de acesso a uma atividade remunerada, consoante ou não com suas preferências pessoais, e a universidade constitui uma meta que, embora valorizada, é vista como inalcançável.

Nesse contexto, a pesquisa aqui apresentada objetivou caracterizar a percepção de estudantes do 3º ano do ensino médio de escolas públicas, privadas e profissionalizantes e de cursinhos públicos e privados das cidades de Juazeiro do Norte (CE), Fortaleza (CE) e São Paulo (SP) sobre a importância de a escola os preparar para os objetivos do ensino médio preconizados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996). Este documento foi escolhido, pois é ele que orienta a organização e o funcionamento das instituições escolares. Para que o objetivo fosse atingido foi desenvolvida uma

pesquisa de natureza exploratória junto a 534 estudantes, com abordagem quantitativa e qualitativa, que visou coletar informações sobre a percepção de diferentes jovens sobre esse tema.

A escolha por este público se deu pela tentativa de abarcar aqueles que passaram por toda a Educação Básica e estavam para finalizá-la, podendo assim melhor expressar sua opinião sobre a mesma. Decidiu-se por estudar instituições de naturezas distintas com o intuito de abranger jovens com percursos e situações socioeconômicas diferentes, a fim de garantir que o conjunto de informantes fosse diversificado e, assim, reunir múltiplas realidades, possibilitando a apreensão de semelhanças e divergências. Já a escolha das cidades se deu com o intuito de se ter um panorama diversificado da realidade brasileira, estudando cidades com diferentes características socioeconômicas e políticas. Os resultados foram analisados e comparados segundo a cidade e o tipo de instituição frequentada pelo participante.

2. Metodologia

A coleta de dados utilizou-se de um instrumento composto de questões relativas a: a) características demográficas da amostra (sexo, idade); b) projetos para o ano seguinte à participação no estudo (ingressar em um curso superior, ingressar em um curso técnico, ingressar em um cursinho preparatório para o vestibular, trabalhar, ainda não sabe); c) avaliação da importância de a escola preparar para as finalidades do ensino médio preconizadas pela LDB (prosseguir nos estudos, preparar para o trabalho, aprimorar como pessoa humana, compreender fundamentos científico-tecnológicos), em escala de 4 pontos, variando entre nada importante e muito importante; d) percepção sobre o preparo escolar para essas finalidades preconizadas pela LDB, em escala de 4 pontos variando entre não preparou nada e preparou muito; e) autoavaliação como estudante (bom, médio, ruim).

Definidas as instituições que participariam do estudo, foi feito o primeiro contato com cada uma delas e, posteriormente, com os pais dos estudantes. Fizeram parte do estudo os estudantes presentes em sala de aula no dia da aplicação do questionário, que concordaram em participar e que trouxeram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos pais, no caso daqueles menores de idade. Os estudantes maiores de idade assinaram, eles mesmos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As instituições foram definidas por conveniência das pesquisadoras.

Em todas as instituições, a aplicação do instrumento foi realizada em sala por uma das pesquisadoras durante o horário de aula disponibilizado pelo estabelecimento. Foi solicitado aos professores que não permanecessem em sala para não constrangerem os estudantes. No primeiro momento, a pesquisadora se apresentou e convidou os estudantes a participarem do estudo, respondendo ao questionário. Os estudantes eram assegurados de que sua participação na pesquisa deveria ser voluntária, e que, além da garantia do anonimato, nenhuma pessoa da escola teria acesso às informações prestadas.

Em seguida foram fornecidas instruções de como responder a escala, pedindo-se que as respostas fossem dadas individualmente, e que não deixassem nenhum item em branco. O tempo médio para responder o instrumento foi de aproximadamente 10 minutos.

Ressalta-se que este trabalho faz parte da tese de doutorado da primeira autora, orientada pela segunda, portanto, para maiores informações sobre os procedimentos metodológicos consultar Trigueiro (2017).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo sob o CAAE 42211115.8.0000.5561.

Em virtude da natureza dos dados, o tratamento analítico para verificar a existência de associação entre a percepção e as características dos estudantes foi realizado com o teste não paramétrico Qui-quadrado, adotando-se um nível de significância de 5% para o intervalo de confiança de 95%.

3. Resultados

Participaram do estudo 534 estudantes, sendo 205 homens (38,9%), 323 mulheres (61,1%), e 6 não identificaram. A idade variou entre 14 e 67 anos, com predominância entre 16 e 19 anos, e idade média foi de 18,43 anos.

Quando questionados sobre o que pretendiam fazer no ano seguinte à aplicação da pesquisa, os alunos indicaram desejo de ingressar em um curso superior (82,4%), trabalhar (46,3%), ingressar em um cursinho preparatório para o vestibular (19,5%), ingressar em um curso técnico (10,5%), ainda não sabia (3,6%).

Quando separados por cidade, os alunos de Juazeiro do Norte tiveram os seguintes percentuais de resposta: ingressar no ensino superior (88,0%), trabalhar (51,6%), cursinho pré-vestibular (12,0%), curso técnico (11,5%), ainda não sabe (2,6%). Os alunos de Fortaleza tiveram os seguintes percentuais: ensino superior (79,9%), trabalhar (41,9%), cursinho pré-vestibular (23,7%), curso técnico (10,8%), ainda não sabia (3,9%). E os alunos de São Paulo: ensino superior (80,0%), trabalhar (51,7%), cursinho pré-vestibular (25,0%), curso técnico (6,7%), ainda não sabia (5,0%). Verifica-se que nas três cidades, mesmo com proporções diferentes, as preferências seguiram a mesma ordem: curso superior, trabalhar, cursinho pré-vestibular, curso técnico, ainda não sabia.

Os resultados do Teste qui-quadrado apontaram, a um nível de significância de (5,0%) p-valor menor ou igual a 0,05, que há uma associação entre ser de Juazeiro do Norte e não ter pretensão de ingressar em um cursinho pré-vestibular ($X^2(2) = 11,105$, $p=0,004$), e uma tendência à associação entre ser de Juazeiro e desejar ingressar no ensino superior ($X^2(2) = 5,635$, $p = 0,060$). Também há uma tendência à associação entre ser de Fortaleza e não desejar ingressar no mundo do trabalho ($X^2(2) = 4,958$, $p=0,084$).

Quando separados por instituição, os que mais apontaram a opção curso superior foram os alunos do cursinho privado (89,8%), seguidos pelos de escola privada (85,1%), enquanto os alunos da escola pública foram os que menos apontaram esta opção (71,1%). Os que mais apontaram a opção curso técnico foram os alunos da escola pública (19,6%), a opção cursinho preparatório foi mais apontada pelos alunos do cursinho público (22,1%), trabalhar foi a maior opção entre os alunos da escola profissionalizante (66,1%), e ainda não saber o que fará também foi a maior opção na escola profissionalizante (6,8%).

As análises apresentaram uma associação entre estudar em instituições privadas e desejar ingressar em um curso superior ($X^2(1) = 5,501$, $p=0,019$), estudar em instituição pública e não desejar ingressar em curso superior ($X^2(4) = 13,999$, $p=0,007$), bem como ser aluno de cursinhos e desejar ingressar em um curso superior ($X^2(1) = 6,331$, $p=0,012$).

Por outro lado, houve uma associação significativa entre ser aluno de escola pública e ter como planos para o ano seguinte ingressar em um curso técnico ($X^2(4) = 11,219$, $p=0,024$) e não em um curso superior ($X^2(4) = 13,999$, $p=0,007$). Há também uma associação entre desejar ingressar no mundo do trabalho e ser aluno de escola profissionalizante ($X^2(4) = 16,278$, $p=0,003$), ou de instituições públicas ($X^2(1) = 9,698$, $p=0,002$), e ser aluno de instituições privadas, e não desejar ingressar no mundo do trabalho ($X^2(1) = 9,698$, $p=0,002$).

Escolher a opção ingressar em um curso técnico esteve associada ao sexo masculino ($X^2(1) = 4,975$, $p=0,026$), enquanto o sexo feminino esteve associado à opção ingressar em cursinho pré-vestibular ($X^2(1) = 4,139$, $p=0,042$). Foi encontrada uma tendência à associação entre estudar em instituição pública e não saber o que fazer no ano seguinte ($X^2(2) = 3,150$, $p=0,076$).

Quando questionados sobre a importância de a escola os preparar para alguns aspectos da vida, os preconizados pela LDB (Lei nº 9.394/1996) observou-se que 97,9% dos alunos consideraram importante, ou muito importante, que a escola possa prepará-los para prosseguir nos estudos. Este foi o aspecto com maior percentual de atribuição de importância, sendo seguido por aprimorar como pessoa humana (93,4%), compreender fundamentos científico-tecnológicos (87,1%), e preparar para o trabalho (86,5%).

Os alunos da cidade de Fortaleza foram os que mais atribuíram importância a prosseguir nos estudos, com um percentual de 98,2%. Já os alunos de Juazeiro foram os que mais consideraram importante aprimorar como pessoa humana (95,3%), preparar para o trabalho (93,7%) e compreender os fundamentos científico-tecnológicos (92,6%). Os alunos da cidade de São Paulo foram os que menos atribuíram importância a prosseguir nos estudos (96,7%), a preparar para o trabalho (78,0%) e a compreender os fundamentos científico-tecnológicos (71,7%), enquanto os de Fortaleza foram os que menos atribuíram importância a aprimorar como pessoa humana (92,1%).

Os dados mostram que os alunos de Juazeiro do Norte foram os que mais atribuíram importância a prosseguir nos estudos, e os resultados do Teste qui-quadrado apontam a um nível de significância de (5,0%), p-valor menor ou igual a 0,05, uma associação entre ser de Juazeiro e considerar importante a escola preparar para o trabalho ($X^2(2) = 14,311$, $p=0,001$), assim como para compreender os fundamentos científico-tecnológicos ($X^2(2) = 17,851$, $p=0,000$).

Em relação ao sexo, foi encontrada uma tendência à associação entre ser do sexo masculino e considerar pouco importante a escola preparar para o trabalho ($X^2(1) = 16,086$, $p=0,000$) e, também, pouco importante preparar para prosseguir nos estudos ($X^2(2) = 3,045$, $p=0,081$). Ser do sexo feminino está associado significativamente a considerar muito importante a escola preparar para o trabalho ($X^2(1) = 16,086$, $p=0,000$), opção que também está associada a ter menos de 18 anos ($X^2(1) = 4,461$, $p=0,035$).

Quando os dados são analisados segundo o tipo de instituição, verifica-se que os alunos da escola profissionalizante foram os que mais apontaram a importância de a escola os preparar para prosseguirem nos estudos (100,0%), para compreenderem os fundamentos científico-tecnológicos (98,3%), e para o trabalho (95,0%), enquanto os do cursinho público deram mais importância ao aprimoramento como pessoa humana (94,3%). Os alunos da escola pública atribuíram menor importância a prosseguir nos estudos (96,9%) e a compreender os fundamentos científico-tecnológicos (82,7%), enquanto os do cursinho público deram menos importância ao preparo para o trabalho (81,6%), e os do cursinho privado ao aprimoramento como pessoa humana pela escola (89,0%).

Foi possível observar uma tendência à associação entre estudar em escola profissionalizante e considerar importante que a escola prepare para o trabalho ($X^2(2) = 8,231$, $p=0,083$) e para compreender os fundamentos científico tecnológicos ($X^2(4) = 9,661$, $p=0,047$). Também houve uma associação entre ser aluno de instituições públicas e considerar importante aprimorar como pessoa humana ($X^2(2) = 8,261$, $p=0,004$), aspecto que também mostra uma tendência à associação com frequentar cursinho público ($X^2(4) = 8,515$, $p=0,074$).

Quando os alunos foram questionados sobre o quanto a escola os preparou para estes aspectos, suas respostas mostraram que, para a maioria, a escola não os preparou completamente para estes aspectos. O aspecto que os alunos se sentiram pouco ou nada preparados foi para o trabalho (47,4%), seguido de compreender os fundamentos científico-tecnológicos (36,2%), aprimorar como pessoa humana (25,1%), prosseguir nos estudos (18,3%).

Quando os dados foram analisados por cidade, verificou-se que os alunos de São Paulo foram os que mais se sentiram despreparados para todos os aspectos; em primeiro lugar para o trabalho (75,4%), seguido de compreender os fundamentos científico-tecnológicos (61,7%), prosseguir nos estudos (41%), e aprimorar como pessoa humana (38,3%). Em contrapartida, os de Juazeiro do Norte foram os que mais se sentiram preparados para esses mesmos aspectos, em primeiro lugar para o trabalho (70%), seguido de compreender os fundamentos científico-tecnológicos (79,1%), aprimorar como pessoa humana (83,1%), e prosseguir nos estudos (91,1%).

Utilizando o Teste qui-quadrado a um nível de significância de (5,0%) p-valor menor ou igual a 0,05, foi encontrada uma tendência à associação entre ser de São Paulo e se sentir despreparado para prosseguir nos estudos ($X^2(2) = 32,698$, $p=0,000$). Em contrapartida, foi encontrada uma associação significativa entre ser de Juazeiro do Norte e se sentir preparado

para o trabalho ($X^2(2) = 46,061$, $p=0,000$), para prosseguir nos estudos ($X^2(2) = 32,698$, $p=0,000$), para compreender os fundamentos científico-metodológicos ($X^2(2) = 38,699$, $p=0,000$), e como pessoa humana ($X^2(2) = 13,431$, $p=0,001$).

Quando os dados foram analisados segundo o sexo, verificou-se que as mulheres informaram se sentirem mais preparadas para o trabalho ($X^2(1) = 6,217$, $p=0,013$), e como pessoa humana ($X^2(1) = 4,179$, $p=0,041$). Também foi verificado que a idade inferior a 18 anos está associada a se sentir mais bem preparado para todos os aspectos (para o trabalho ($X^2(1) = 9,066$, $p=0,003$), para prosseguir nos estudos ($X^2(1) = 11,551$, $p=0,001$), para compreender os fundamentos científico tecnológicos ($X^2(1) = 11,123$, $p=0,001$), e como pessoa humana ($X^2(1) = 14,278$, $p=0,000$)).

Ao analisar os dados por instituição, verificou-se que os que informaram se sentirem mais despreparados para prosseguir nos estudos foram os alunos do cursinho público (28,7%), enquanto os de cursinho privado informaram se sentir despreparados para o trabalho (62,7%), e também, como pessoa humana (34,7%). Os do cursinho público (47%) revelaram sentir despreparo para compreender os fundamentos científico-tecnológicos. Já os alunos da escola profissionalizante foram os que revelaram se sentir mais preparados para todos os aspectos, pois os que consideraram que a escola os preparou pouco ou nada para o trabalho foram apenas 5%, assim como para prosseguir nos estudos 5%, compreender os fundamentos científico-tecnológicos 6,7%, e aprimorar como pessoa humana 6,7%.

Foi verificada uma associação entre ser aluno de escola profissionalizante e se sentir preparado para prosseguir nos estudos ($X^2(4) = 29,339$, $p=0,000$), para compreender os fundamentos científico tecnológicos ($X^2(4) = 49,932$, $p=0,000$), para o trabalho ($X^2(4) = 59,405$, $p=0,000$), e como pessoa humana ($X^2(4) = 20,833$, $p=0,000$).

Analisando os dados por tipo de instituição, escola ou cursinho, verificou-se associação entre frequentar escola e se sentir mais preparado para o trabalho ($X^2(1) = 29,511$, $p=0,000$), e como pessoa humana ($X^2(1) = 15,060$, $p=0,000$). Por outro lado, observou-se maior tendência dos alunos de cursinho de manifestarem se sentir mais despreparados para prosseguir nos estudos ($X^2(1) = 25,233$, $p=0,000$) e para compreender os fundamentos científico-tecnológicos ($X^2(1) = 33,202$, $p=0,000$). Os alunos das instituições públicas foram os que informaram se sentir mais bem preparados para o trabalho ($X^2(1) = 11,681$, $p=0,001$) e como pessoa humana ($X^2(1) = 4,215$, $p=0,040$).

Sobre a autoavaliação como alunos, verificou-se que 2,7% se avaliaram como maus alunos, 59,5% como alunos médios e 37,7% como bons alunos. Os alunos das escolas de São Paulo foram os que mais se avaliaram como maus alunos (6,8%), enquanto os de Fortaleza se avaliaram mais como alunos médios (64,1%), e os de Juazeiro como bons alunos (46,5%). A maioria dos alunos da escola privada se avaliou como alunos ruins (4,5%), ou medianos (71,6%), e os da escola profissionalizante como alunos bons (51,7%). Percebeu-se que se considerar bom aluno esteve associado significativamente com ser aluno de escola profissionalizante ($X^2(4) = 10,695$, $p=0,030$), ser da cidade de Juazeiro do Norte ($X^2(2) = 9,567$, $p=0,008$) e ser do sexo feminino ($X^2(2) = 6,751$, $p=0,009$).

Em resumo, pode-se apontar que o principal plano dos alunos para o futuro é ingressar no ensino superior, sendo este o principal aspecto para o qual eles esperam que a escola os prepare. Também foi este o aspecto para o qual eles percebem que foram mais bem preparados. Por outro lado, um quinto dos alunos planeja trabalhar, mas eles não consideram que seja muito importante que a escola os prepare para isso, e em contrapartida também percebem que a escola não os preparou o suficiente para esse aspecto.

Quando analisadas as cidades, se verifica essa mesma tendência nas três cidades mesmo com proporções diferentes, pois as preferências seguiram a seguinte ordem: curso superior, trabalhar, cursinho pré-vestibular, curso técnico, ainda não sabe. No entanto, os alunos de Juazeiro foram os que mais manifestaram desejo de ingressar no ensino superior, e não tinham pretensão de ingressar em um cursinho pré-vestibular. Consoante a esses dados, os alunos desta cidade foram os que mais se sentiram preparados para todos os aspectos apresentados como sendo funções da escola. Ao contrário dos alunos de São Paulo,

que foram os que mais se sentiram despreparados para todos os aspectos, sendo em primeiro lugar para o trabalho, seguido por compreender os fundamentos científico-tecnológicos, prosseguir nos estudos, aprimorar como pessoa humana.

Quando analisadas as instituições, verificou-se uma associação entre ser aluno de instituições privadas, escolas ou cursinhos, e desejar ingressar no ensino superior e considerar esta a principal função da escola. Também foi verificada uma associação entre ser aluno de instituições públicas e valorizar mais o trabalho do que o ensino superior, sendo que o interesse pelo mundo do trabalho foi apresentado principalmente pelos alunos das escolas profissionalizantes, que tanto consideraram importante que a escola os prepare para ele, como também se consideraram preparados para tal. Os alunos que informaram se sentirem mais despreparados ao final do ensino médio para os aspectos de formação a ele atribuídos foram os alunos dos cursinhos público e privado. Já os alunos da escola profissionalizante foram os que revelaram se sentirem mais preparados para esses mesmos aspectos.

4. Discussão

Considerando que somente cerca de 60% dos jovens brasileiros entre 15 e 17 anos estão matriculados no ensino médio, e que um percentual ainda menor consegue concluí-lo, os jovens desta pesquisa constituem uma minoria. Por isso, ouvir a percepção e o valor que estes estudantes atribuem às experiências escolares pode contribuir para a construção de um currículo mais significativo e articulado com os seus planos. Não se pode inferir que os resultados aqui obtidos e a análise desses dados se referem a todos os adolescentes existentes, mas a forma como estes alunos compreendem as funções da escola pode refletir a realidade em que estão inseridos.

A diversidade e a transversalidade afetam a experiência juvenil contemporânea e incidem sobre a relação destes com a instituição escolar. Enquanto para alguns jovens estudantes a escola representa uma obrigação imposta pelos pais ou sociedade, para outros estudar está diretamente relacionado à inserção no mercado de trabalho. Alguns valorizam a escola, considerando os aprendizados que ela proporciona para a vida, e para outros o valor da escola está no fato de ser um lugar em que fazem amizades e se relacionam. A escola também pode ser um abrigo protetor em meio a territórios de moradia ameaçadores à própria vida. Para jovens de classe média, filhos de pais escolarizados, uma longa escolarização é algo esperado, enquanto para jovens das camadas populares as experiências dos pais e de amigos nem sempre acenam para um futuro promissor a partir da escolarização, e, muitas vezes, esta se configura num investimento de alto risco (Carrano, Damasceno & Tafakgi, 2013).

Isso pode ser percebido nos resultados apresentados nesta pesquisa, em que 60,3% das respostas dos jovens indicam o projeto de ingressar em um curso superior, mas 39,7% indicam outra opção. Esses jovens também sinalizaram que prosseguir nos estudos seria a função mais importante da escola, e 80,4% afirmaram que a escola os preparou muito, ou o suficiente para isso. Por outro lado, o aspecto que os alunos mencionaram como sendo o menos importante foi a preparação para o trabalho, apenas 82,7% considerou importante ou muito importante, e estes mesmos jovens afirmaram que esta foi a finalidade para a qual a escola menos os preparou, com apenas 47,1% se sentindo preparados.

Os alunos da presente pesquisa estavam no final do ensino médio, ou já o haviam concluído. Para eles era esperado que tivessem em mente o que desejariam fazer no futuro, pois já haviam superado diversas barreiras para chegarem ali. Quando questionados sobre o que pretendiam fazer no ano seguinte à aplicação da pesquisa, 82,4% indicaram desejo de ingressar em um curso superior, 46,3% de trabalhar, 19,5% de ingressar em um cursinho preparatório para o vestibular, 10,5% de ingressar em um curso técnico, e 3,6% ainda não sabia. Em todas as instituições, mesmo com percentuais diferentes, as opções seguiram essa ordem de preferência. Quando separados por cidade essa tendência se manteve, e, mesmo com proporções diferentes, as preferências se deram na seguinte ordem: curso superior; trabalho; cursinho pré-vestibular; curso técnico; ainda não sabe.

Com isso, percebe-se que ingressar no ensino superior é o desejo da maioria dos alunos do ensino médio. Um estudo realizado em escolas públicas e privadas de 13 capitais brasileiras apontou como prioritário ingressar na universidade entre os alunos de todas as instituições, com uma frequência de respostas maior entre os alunos de escolas privadas. As capitais com menor índice de desenvolvimento como, por exemplo, Rio Branco e Teresina, comparadas com metrópoles nacionais como São Paulo e Rio de Janeiro, paradoxalmente apresentaram maiores expectativas de entrada em um curso de nível superior (Abramovay & Castro, 2003).

Esses dados são corroborados pela pesquisa de Charlot e Reis (2014) com jovens e adultos dos turnos vespertino e noturno de uma escola de ensino médio. Quando indagados sobre a prioridade de formação no ensino médio, na visão de 51% dos participantes da tarde e 46% da noite, a prioridade deve ser formar para o ingresso no ensino superior; 38% dos estudantes do vespertino e 42% do noturno consideraram como prioridade formar para o mercado de trabalho; e 11% do vespertino e 12% do noturno consideraram o desenvolvimento do sujeito como ser humano e cidadão. Entretanto, esses jovens e adultos consideram que aprenderam pouco na escola, o que pode os impedir de realizar o ingresso na universidade, um projeto mais presente entre os alunos do turno vespertino.

Nesse mesmo sentido, a pesquisa de Brito, Aguiar e Tenório (2012) mostrou que entre os alunos que ao final do ensino médio pretendiam apenas estudar, a escolha do curso superior recaiu no que os autores chamam de cursos clássicos (direito, medicina, engenharia), e entre os que desejavam estudar e trabalhar foi verificada a preferência por cursos não clássicos, que são oferecidos geralmente no turno noturno. A variável reprovação também interferiu na escolha do curso, pois os alunos com reprovação apresentaram maior tendência a escolher os cursos não clássicos, enquanto os alunos sem reprovação optaram pelos cursos clássicos.

A importância atribuída ao ingresso na educação superior também pode ser a manifestação de um desejo de ascensão social das classes populares, valorizando as profissões de nível superior, e desvalorizando outras formas de ocupação, pois, diferentemente da entrada no curso técnico que visa à empregabilidade, a entrada no nível superior de ensino é vista como meio certo de se obter ascensão social (Sparta & Gomes, 2005). No entanto, essa grande demanda por ensino superior faz aumentar o número de jovens que não conseguem vagas nas universidades, o que tem fortalecido o desenvolvimento de cursinhos pré-vestibulares. Mas outra razão para os jovens procurarem essas instituições poderia ser a busca por preencher as lacunas da sua formação básica, o que pode ser observado no número de alunos dos cursinhos preparatórios para o vestibular, que mostraram diferentes opções para o ano seguinte que não o ingresso na educação superior (48,3% no cursinho privado e 51,2% no cursinho público).

Como já citado, as escolas de ensino médio têm dado grande ênfase à preparação para o ingresso no ensino superior, e conseqüentemente menos ênfase à preparação para o trabalho e para a cidadania. Nesta pesquisa, aproximadamente um quinto (19,5%) dos alunos apontou o desejo de trabalhar no ano seguinte à aplicação da pesquisa, e a maioria (86,5%) considerou que é importante que a escola os prepare para o trabalho. No entanto, quase metade deles (47,4%) considerou que a escola os preparou pouco ou não os preparou nada para isso.

Analisando por tipo de instituição, verifica-se que os alunos das escolas profissionalizantes foram os que mais apontaram o desejo de trabalhar, e estes foram os que informaram se sentirem mais bem preparados para o trabalho. Considerando que os cursos técnicos também fazem parte da preparação para o trabalho, observou-se que os que mais apontaram a opção curso técnico foram os alunos da escola pública. Houve também uma associação entre desejar ingressar no mundo do trabalho e ser aluno de instituições públicas, assim como ser aluno de instituições privadas e não desejar ingressar no mundo do trabalho.

Segundo a LDB (1996), a preparação básica para o trabalho e cidadania do educando deve envolver a capacidade de o aluno adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. Com isso, a discussão

sobre esses temas na escola é importante, pois cada vez mais o mercado de trabalho se retrai, e a demanda aumenta com exigências mais elevadas, que requerem maior nível de escolarização para o ingresso em qualquer ocupação e/ou vaga de trabalho. Vale ressaltar que, segundo Krawczyk (2009), não se pode verificar uma relação concreta entre o elevado nível de conhecimento exigido e os cargos oferecidos, bem como não se pode garantir ao jovem que cursou o ensino médio ou o profissionalizante um lugar no mercado de trabalho.

Neste contexto, numa época de desemprego massivo, a obtenção de um diploma seria um motivo, ainda que frágil, para os alunos das classes populares continuarem na escola. Embora o conhecimento também seja reconhecido pelos jovens como elemento de diferenciação, os estudantes de escola pública costumam considerar fraco o ensino que recebem. No entanto, o medo do desemprego os obriga a continuarem estudando, e a perspectiva de ingressar na universidade, ainda que remota, aparece como uma possibilidade interessante para o futuro, pois permitiria adiar o problema do desemprego (Krawczyk, 2009).

No estudo de Abramovay e Castro (2003), os alunos confirmaram a preparação para o mercado de trabalho como uma das três principais finalidades da escola, sendo que os alunos da rede pública de ensino marcaram mais essa finalidade do que os alunos de estabelecimentos privados. Considerando apenas a rede pública, verificou-se que os alunos do período noturno identificam com maior frequência a obtenção de um posto de trabalho como uma das duas principais finalidades do ensino médio.

De acordo com os jovens pesquisados pela Ação Educativa (2007), a melhor forma de a escola preparar para o trabalho seria oferecendo cursos profissionalizantes, seguida de uma formação de melhor qualidade, que aumentaria a competitividade no mercado de trabalho, e também fornecendo conteúdos úteis para todas as profissões. Ou seja, para esses alunos, a preparação para o trabalho não deveria se restringir ao ensino de uma profissão, mas ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários ao mundo do trabalho.

Entre as instituições que ofertam o ensino médio, as escolas profissionalizantes, devido à sua natureza, têm sido as que melhor preparam os alunos para o trabalho. No presente estudo, os alunos dessas instituições foram os que mais assinalaram o desejo de trabalhar no ano seguinte à pesquisa. Estes também foram os que mais consideraram importante que a escola prepare para o trabalho, e foram os que mais se sentiram preparados para tal.

Melo, Guimarães, Barleta e Correia (2009), em pesquisa realizada com jovens concluintes de um curso profissionalizante, verificaram que o interesse dos jovens em procurar este curso era o de se “qualificar para o mercado que está competitivo e exigente” (p. 17), e seu desejo era “sair direto para o mercado de trabalho” (p. 18). No entanto, neste tipo de instituição também ocorre expressiva evasão. Silva, Pelissari e Steimbach (2013) apontam que parte dos jovens que procura instituições deste tipo o faz por identificação com o curso, e que eles teriam grandes pretensões profissionais, ou de continuidade de seus estudos. No entanto, ao não encontrarem atrativos no curso técnico, sentindo dificuldades de adaptação e com as disciplinas, e percebendo que os quatro anos de curso poderiam, talvez, trazer as mesmas implicações que um curso regular de três anos, os alunos os abandonam em favor do ensino médio regular, a fim de concluir essa etapa da vida escolar em menos tempo. Para os que concluem, resta a imensa dificuldade de encontrar uma inserção minimamente valiosa no mundo do trabalho, ou até de encontrar trabalho.

No entanto, os dados encontrados na presente pesquisa foram contrários aos apresentados pelos autores acima. Os alunos da escola profissionalizante foram os que mais apontaram a importância de a escola os preparar para prosseguirem nos estudos (100,0%), para compreenderem os fundamentos científico-tecnológicos (98,3%), e para o trabalho (95,0%). Estes alunos também foram os que revelaram se sentir mais preparados para todos os aspectos, pois os que consideraram que a escola os preparou pouco ou nada para o trabalho foram minoria (5%), assim como para prosseguir nos estudos (5%), para

compreender os fundamentos científico-tecnológicos (6,7%), e aprimorar como pessoa humana (6,7%). Além disso, se considerar bom aluno associou-se significativamente com ser oriundo de escola profissionalizante.

É importante assinalar que as duas escolas profissionalizantes pesquisadas eram escolas de tempo integral e consideradas de boa qualidade, sendo uma de gestão federal e outra estadual, o que pode explicar essa percepção dos alunos. Também pode ter influência nesses resultados o pequeno número de participantes nestas instituições, que pode não ser representativo da população em geral.

No presente estudo, aprimorar como pessoa humana foi o segundo ponto mais citado pelos estudantes na escala de importância no preparo dado pela escola, e também foi o segundo ponto para o qual os alunos manifestaram se sentirem mais preparados. Houve uma associação entre ser aluno de instituições públicas e considerar importante aprimorar como pessoa humana, e uma associação entre frequentar escola e se sentir mais preparado como pessoa humana. Os alunos das instituições públicas também foram os que informaram se sentirem mais bem preparados neste aspecto.

Esses dados são consoantes com a pesquisa de Borges (2009) com alunos do ensino médio, que mostrou que todos os alunos entrevistados consideraram estar recebendo uma formação para exercer a cidadania. No entanto, quando questionados sobre o que significava cidadania para eles, a maioria informou se resumir ao exercício de direitos e deveres, e somente três alunos disseram que ser cidadão é analisar criticamente os fatos existentes na sociedade e participar ativamente da vida política do país. Por isso, segundo Klein e Arantes (2016), é preciso ter em vista que a educação para a cidadania não se limita à aprendizagem sobre política, mas refere-se, também, à capacidade de viver uma vida social e política.

Entre os obstáculos que se colocam à efetivação da educação para a cidadania, há a demanda pela aprovação em vestibulares, fazendo com que a preparação para a inserção do aluno na educação superior tenha prioridade em relação a outras questões importantes para a consolidação desta proposta de ensino. Segundo a LDB (1996), para o exercício da cidadania também é necessário o domínio dos conhecimentos de filosofia e sociologia, disciplinas muitas vezes relegadas a segundo plano nas grades curriculares.

O último aspecto que a escola de ensino médio deve formar é para a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos, que está relacionada à compreensão dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática no ensino de cada disciplina. Esses conteúdos ensinados pela escola podem ser úteis tanto para a inserção no mercado de trabalho quanto para a aprovação no vestibular, e um desempenho satisfatório na universidade.

Na investigação de Klein e Arantes (2016), quando questionados sobre como as disciplinas curriculares contribuíram para seus projetos de vida, os jovens responderam que estas preparam para o vestibular e para cursar uma faculdade, algumas contribuindo para sua formação intelectual, como conversar sobre diferentes assuntos, ter domínio da língua culta, compreender fenômenos e interpretá-los, ou ainda para o futuro profissional, ajudando a conseguir um emprego e a ter sucesso profissional. Por outro lado, 59% dos jovens de ensino médio, participantes da pesquisa de Klein (2011), afirmaram não perceber relação entre a escola e a vida, não sendo possível que a instituição contribua para seus projetos de vida. Segundo esses alunos, as disciplinas que mais estão em consonância com seus projetos são português, matemática e língua estrangeira, sendo as demais menos importantes.

Neste mesmo sentido, a pesquisa de Leal (2010) mostrou que, para os alunos, a atividade de estudo não seria motivada pelo desejo de saber, mas sim pela obtenção de um certificado, que segundo sua concepção, serviria para aumentar as chances de conseguir um bom emprego, e permitir a realização do vestibular. Os conteúdos escolares também não tiveram significado para eles, sendo meras atividades a serem cumpridas, não havendo relação entre os diversos conteúdos, e entre esses conteúdos e suas necessidades pessoais, ou mesmo as necessidades da coletividade para a qual poderiam contribuir. Com isso, a educação escolar desse grupo de jovens, organizada da forma como foi, contribuiu para a construção de uma consciência alienada, pois eles estabeleceram uma relação com a realidade de forma fragmentada e parcializada, não

conseguindo olhar para o todo e organizá-lo. Isso ocorreu porque eles formaram basicamente o pensamento empírico, próprio da vida cotidiana, e a educação escolar, que poderia lhes proporcionar o desenvolvimento do pensamento teórico, não foi capaz de fazê-lo. A forma como a escola tem organizado as disciplinas, os conteúdos e a metodologia não tem proporcionado que o ensino impulse o desenvolvimento de seus alunos.

Na presente pesquisa houve um percentual de alunos que afirmaram ainda não saber o que gostariam de fazer no ano seguinte à aplicação do questionário. Esses alunos frequentavam todas as instituições, mas foi encontrada uma tendência à associação entre estudar em instituição pública e não saber o que fazer no ano seguinte. Segundo Klein e Arantes (2016), a descoberta do que se quer na vida e a identificação de um projeto de vida fazem parte das atribuições da escola. Muitos jovens vivem sem saber ao certo o que querem na vida, o que demonstra que o processo de identificação e adoção de um projeto de vida não é decorrência natural da existência, mas fruto de relações e convivências que podem levar a tal descoberta.

Um dos desafios da escola atualmente é levar os alunos a darem um sentido à experiência escolar, pois nas condições do desenvolvimento atual, este não é automático, como em outras etapas do desenvolvimento escolar. É no ensino médio, principalmente, que progressivamente os alunos perdem o interesse pela escola, se evadem, ou passam a ser reprovados constantemente, frequentando a escola talvez pela sociabilidade, mas sem aprendizagens significativas. Entre os motivos que levam muitos alunos a abandonarem a escola antes da conclusão estão dificuldades financeiras, carga horária de trabalho, gravidez, além da falta de identificação com a instituição, que se manifesta em várias reprovações antes da desistência de fato.

Essas dificuldades enfrentadas pela escola para garantir o acesso e a permanência dos jovens e garantir que o ensino médio tenha uma identidade clara, e que possa formá-los tanto para o ensino superior quanto para o trabalho e para a cidadania, tem se mostrado, particularmente, na queda de sua qualidade, conforme apresentam diversas avaliações e índices.

Alavarse e Gabrowski (2013) analisaram os dados do Saeb sobre o ensino médio desde 1995, e mostraram que os resultados dos alunos de escolas estaduais estão muito abaixo do nível adequado em matemática. Mesmo os alunos de escolas privadas, na média, não atingem esse patamar. Em língua portuguesa, os alunos de escolas estaduais ficam abaixo do valor adequado, e os de escolas privadas ficam um pouco acima.

Quando comparados com outros países esses dados são ainda mais preocupantes. Charlot e Reis (2014) citam informações da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) que apontam que, em 2010, 82% dos adultos de 25 a 34 anos dos países participantes da pesquisa tinham diploma do ensino médio (geral ou profissional) ou acima, enquanto no Brasil somente 53% dos adultos tinham. Já em relação ao diploma de ensino superior no Brasil, só 12% dos adultos de 25-34 anos possuíam, enquanto a média mundial é de 38%. Isso mostra que em muitos países a conclusão do ensino médio é o nível normal de escolarização, e mais de um terço da população adulta jovem já conseguiu um diploma superior, enquanto o Brasil está em atraso em relação a essa aquisição.

Isso ocorre porque, como já exposto, muitos jovens com idades entre 15 e 17 anos, os quais deveriam estar cursando o ensino médio, quando não estão fora da escola estão em situação de defasagem escolar, fato que se agrava entre os jovens em condições sociais desfavoráveis, isto é, entre os mais pobres, não brancos, cujos pais têm pouca escolarização, ou sequer tiveram oportunidades educacionais. Em contrapartida, segundo Castro e Tavares Júnior (2016), a maioria dos alunos que chegam ao terceiro ano do ensino médio são os que nunca foram reprovados, ou foram reprovados poucas vezes, pois o sistema escolar tem funcionado como um funil, em que muitos ingressam, mas poucos conseguem concluir, especialmente de forma regular e sem distorção idade/série, principalmente os alunos em condições sociais desfavoráveis.

Nessa perspectiva, muito ainda precisa ser feito para viabilizar o direito à educação desses alunos, pois é preciso ter em mente que a progressiva expansão do ensino médio trouxe o desafio de enfrentar uma maior heterogeneidade do corpo discente e uma mudança do perfil do alunado. Por isso, é preciso compreender esse processo e adequar a escola pública para receber este seu novo público, nem sempre consciente do que pode esperar dela, para promover sua qualificação para o

trabalho digno, a continuidade nos estudos, a participação social e política, enfim, para a realização pessoal com cidadania plena.

4. Conclusão

A situação educacional dos jovens brasileiros é um misto de avanços, problemas, desigualdades e desafios. Os avanços se referem ao fato de que os jovens atualmente passam mais tempo na escola e têm maior escolaridade que os adultos. Contudo, há desigualdades expressivas no acesso à educação (por faixa de renda, raça/cor, rural e urbano, região do país), e problemas com a qualidade do sistema educacional. Nos últimos anos tem-se obtido sucesso na entrada dos alunos na escola, porém, à medida que os anos passam, há uma estagnação preocupante, especialmente na retenção dos estudantes nas séries finais do ensino fundamental, na inadequação idade-série do ensino médio, e nas baixas taxas de sucesso no ensino médio.

Nesta pesquisa buscou-se investigar a percepção de diferentes alunos sobre a importância de a escola os preparar para os objetivos do ensino médio preconizados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Com a análise das respostas, percebeu-se que a escola brasileira de ensino médio, para a maioria dos alunos abordados, não tem conseguido cumprir todos os objetivos propostos, sendo que eles mais se sentiram despreparados para o trabalho e para compreender os fundamentos científico-tecnológicos. O ponto que eles mais se sentiram preparados, e que também consideram como sendo o mais importante foi a possibilidade de prosseguir nos estudos, o que corrobora com a discussão apresentada do caráter enciclopédico da escola, bem como a característica do ensino médio de ser um trampolim para o ensino superior.

Conclui-se que conhecer melhor o perfil desses jovens alunos de ensino médio pode ajudar as escolas a melhor se adaptarem a eles, pois é necessário continuar refletindo sobre a relação com o mercado de trabalho, com o Ensino Superior e com a educação pensada em termos mais amplos, vinculada às noções de autonomia e cidadania.

Por fim, a presente pesquisa se mostrou importante tendo em vista que análises relacionadas às características do ensino médio não são frequentes, sendo necessária a realização de novos estudos para melhor entender o que esses jovens pensam sobre o assunto.

Referências

- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2003). *Ensino médio: múltiplas vozes*. UNESCO, MEC.
- Ação educativa (ONG). (2007). *Que ensino médio queremos? Guia para a realização de grupos de diálogo*.
- Alavarse, O., & Gabrowski, G. (2013). *Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno VI: avaliação no ensino médio*. UFPR/Setor de Educação.
- Borges, A.C. (2009). O ensino integrado e a formação para o mercado de trabalho. *II Simpósio Estadual sobre a Formação de Professores de Sociologia na Universidade Estadual de Londrina*.
- Brito, R. A., Aguiar, W. J., & Tenório, A. C. (2012). Escola, trabalho e ensino superior: o que orienta a trajetória acadêmica dos alunos do ensino médio? *VI colóquio internacional "Educação e Contemporaneidade"*.
- Castro, V. G., & Tavares Júnior, F. (2016). Jovens em contextos sociais desfavoráveis e sucesso escolar no ensino médio. *Educação & Realidade*, 41 (1), 239-258.
- Carrano, P., Damasceno, P. A., & Tafakgi, C. (2013). *A escola tem tudo o que precisamos. O Facebook tem tudo o que gostamos: estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio*. <http://www.emdialogo.uff.br/content/escola-tem-tudo-o-que-precisamos-o-facebook-tem-tudo-o-que-gostamos-estudo-de-caso-sobre>
- Charlot, B., & Reis, R. (2014). As relações com os estudos de alunos brasileiros de ensino médio. In Krawczyk, N. (Org.). *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo-SP: Cortez.
- Emenda constitucional nº 59. (2009).
- Klein, A. M. (2011). *Projetos de vida e escola: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida*. (Tese de doutorado). Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.
- Klein, A. M., & Arantes, V. A.. (2016). Projetos de Vida de Jovens Estudantes do Ensino Médio e a Escola. *Educação & Realidade*, 41 (1), 135-154.

Krawczyk, N. (2009). O ensino médio no Brasil. *Em questão*, Ação educativa.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Autor.

Leal, Z. F. R. G. (2010). *Educação escolar e constituição da consciência: um estudo com adolescentes a partir da psicologia histórico- cultural*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Lei nº 9.394. (1996, 20 de dezembro). Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Lei nº 13.415 (2017, 16 de fevereiro). Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

Melo, A. L., Guimarães, A. R., Barleta, I. A., & Correia, J. C. (2009). Perspectivas dos alunos sobre o ensino médio integrado no Amapá: formação integral ou enquadramento ao mercado de trabalho? *Trabalho & Educação*, 18 (3), 9-23.

Moraes, C. S., Moura, D. H., Zan, D. D. P., & Ribeiro, J. A. R. (2013). *Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno I: ensino médio e formação humana integral*. Curitiba-PR: UFPR/Setor de Educação.

Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia da SBP*, 11(1) 16-27.

Resolução CNE/CEB nº 2 (2012, 30 de janeiro). Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Silva, M. R., Pelissari, L. B., & Steimbach, A. A. (2013). Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. *Educ. Pesqui.* 39 (2), 403-417.

Simões, C. A., & Silva, M. R. (2013). *Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno III: o currículo do ensino médio, seu sujeito e o desafio da formação humana integral*. UFPR/Setor de Educação.

Sparta, M., & Gomes, W. B. (2005). Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. *Revista brasileira de orientação profissional*, 6 (2), 45-53.

Trigueiro, E. S. O. (2017). *Adolescentes, o aprimoramento cognitivo farmacológico e o acesso ao ensino superior* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13122017-085844/>